



As relações de pertencimento na constituição de educadores (as) ambientais

Gessana Damasceno Gomes¹
Larissa Rodrigues de Oliveira²
Elisabeth Brandão Schmidt³

Resumo: O texto expõe reflexões acerca da importância das relações de pertencimento na constituição de educadores(as) ambientais, a partir da percepção da fragilidade dos sujeitos em estabelecer vínculos com os lugares. O estudo, embasado em revisão bibliográfica no campo da Educação Ambiental, intenta dar maior visibilidade a essa questão. No Brasil, assim como em outros lugares do mundo, as relações entre os sujeitos estão cada vez mais individualizadas; o sistema capitalista manipula os sujeitos no sentido de privilegiar a obtenção de bens de consumo para a satisfação pessoal, em detrimento de o sujeito ser, de fato, alguém comprometido com as questões coletivas que dizem respeito à sociedade como um todo. Nessa conjuntura, é preciso compreender como os sujeitos estão se relacionando e quais os sentidos que eles atribuem aos seus lugares de pertencimento.

Palavras-chave: Relações de pertencimento. Lugares. Constituição de Educadores (as) Ambientais.

The belonging relationships in the environmental educators' constitution

Abstract: The text exposes reflections concerning the importance of the belonging relationships in the environmental educators' constitution, starting from the fragility perception of the subjects in establishing bonds with the places. The study, based on a bibliographic review in the field of Environmental Education, tries to give greater visibility to this issue. In Brazil, as well as in other parts of the world, the relations between the subjects are increasingly individualized; the capitalist system manipulates the subjects in the sense of privileging the obtaining of consumption goods for the personal satisfaction, to the detriment of the subject being, in fact, someone committed to the collective issues that refer to society as a whole. At this conjuncture, it's necessary to

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista CAPES. E-mail: gessanadamascenogomes@yahoo.com.br

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FURG). Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista CAPES. E-mail: lara.adm11@gmail.com

³ Doutora em Educação. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: elisabethschmidt@furg.br

understand how the subjects are interacting and what the meanings they attribute to their places of belonging.

Keywords: Belonging relationships. Places. Environmental educators' constitution.

Las relaciones de pertenencia en la constitución de educadores(as) ambientales

Resumen: El texto expone reflexiones acerca de la importancia de las relaciones de pertenencia en la constitución de educadores(as) ambientales, a partir de la percepción de la fragilidad de los sujetos en establecer vínculos con los lugares. El estudio, basado en revisión bibliográfica en el campo de la Educación Ambiental, intenta dar mayor visibilidad a esa cuestión. En Brasil, así como en otros lugares del mundo, las relaciones entre los sujetos están cada vez más individualizadas, el sistema capitalista manipula a los sujetos en el sentido de privilegiar la obtención de bienes de consumo para la satisfacción personal, en detrimento del sujeto ser, de hecho, alguien comprometido con las cuestiones colectivas que se refieren a la sociedad como un todo. En esa coyuntura, es preciso comprender cómo los sujetos están relacionándose y cuáles son los sentidos que ellos atribuyen a sus lugares de pertenencia.

Palabras clave: Relaciones de pertenencia. Lugares. Constitución de Educadores(as) Ambientales.

1. Introdução

O presente texto aborda algumas questões a respeito das relações de pertencimento através do olhar de diferentes autores, que nos fazem refletir acerca da importância dos lugares na constituição de educadores(as) ambientais. As abordagens apresentadas constituem um caminho para a problematização das relações de pertencimento no contexto escolar, visto que, a inserção no mundo a partir dos lugares que nos constituem faz com que seja possível a experimentação de diferentes situações que reverberam ao longo de nossas vidas.

Nesse sentido, iremos discorrer sobre algumas particularidades na constituição de educadores(as) ambientais, que devem estar presentes no contexto escolar, por entendermos que a escola institui-se como um lugar extremamente importante para que a Educação Ambiental possa ser promovida de forma articulada com práticas pedagógicas que possibilitem o entendimento das questões ambientais, pois segundo Leme (2007):

Não podemos perder de vista que as mudanças da realidade socioambiental e das posturas dos indivíduos dependem da EA; sem ela não se faz essa transformação. Porém, é preciso compreender que a EA não faz “milagre”; para mudar algumas coisas, são necessários investimentos, políticas públicas, envolvimento das instituições, comprometimento das pessoas etc. Por outro lado, só os investimentos, sem o devido acompanhamento de processos educativos, têm pouca eficiência em termos de melhoria da qualidade ambiental. (LEME, 2007, p. 105)

Ainda nas palavras de Leme (2007), a Educação Ambiental pode ser entendida como um aprendizado social e político, em que os indivíduos causam interferência na realidade de modo a modificá-la, onde os sujeitos são ao mesmo tempo autores e atores, ou seja, aqueles que planejam e executam. Por isso é essencial estar na escola, transversalizando os conhecimentos, entendendo os processos, os conflitos e a busca de soluções para o seu lugar, seja a sala de aula, escola ou a comunidade, pois não é só da escola a responsabilidade pela transformação da sociedade. Entretanto, a ela atribuímos um papel preponderante nesse processo.

Entende-se que a escola, instituição essencialmente pedagógica, pode contribuir para que possamos pensar sobre questões que nos são dadas como certas. Falta-nos questionar os autores e a forma como essas verdades são produzidas. A escola se organiza como um lugar de lutas, onde criamos vínculos, moldamos nossos corpos, aprendemos mediados pela cultura no sentido de conhecer e transformar a realidade da sociedade a qual fazemos parte, pois é um lugar essencial para despertar a pertença, por ter um potencial de transformação social.

Deste modo, para melhor compreender as articulações que serão feitas no decorrer do texto, primeiramente abordaremos as discussões teóricas acerca das relações de pertencimento através dos lugares; enfoque das relações de pertencimento como caminho para problematizar a constituição dos educadores (as) ambientais na sociedade atual; desenvolvimento e análise do tema proposto e conclusão.

2. Discussões teóricas acerca das relações de pertencimento através dos lugares

Inicialmente serão elencados alguns autores que abordam as relações de pertencimento através dos lugares. Para tanto, Oliveira (2012) menciona que: "Em suma, lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos" (p.12). A partir dessa fala, entendemos que passamos a nos afeiçoar aos lugares em função do tempo que permanecemos neles.

A categoria lugar é importante campo de estudos da Geografia uma vez que o considera como constituinte do espaço geográfico dotado de significados particulares e relações humanas. Os lugares podem ser percebidos através dos signos e símbolos que constituem as identidades dos sujeitos, e faz com que as relações de pertencimento se tornem perceptíveis por meio das subjetividades que estão relacionadas com as experiências no tempo e espaço.

Assim, articulamos a esse contexto, a constatação de DIAS (2012) sobre a importância da constituição de educadores (as) ambientais a partir do entendimento, que:

Esse ser educador ambiental, ainda que sempre provisório e inacabado, constitui-se em sujeito com subjetividades e identidades pessoais e profissionais que, embora individuais e específicas, são também coletivas, que se fazem na relação eu-outro. Esses sujeitos, ao dizer-se educadores ambientais, produzem sentidos para o mundo e para si próprios. Ao dizer-se, experimentam a experiência de assumir-se, delimitando seus espaços, suas convicções, seus sonhos e também suas ações. Reconhecem, a partir de suas histórias de vida e do resgate narrativo, o seu modo de ser no mundo, que é o ser e estar sendo educador ambiental, viver e estar vivendo a EA. (DIAS, 2012, p.57)

Dessa maneira, torna-se pertinente fazer referência à Tuan (2013) quando nos diz que “o lugar é constituído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (p. 7). No entanto, para Oliveira (2012) o lugar pode ser entendido também como parte de um processo que envolve o mundo inteiro de alguma forma, o que para ela compreende a experiência, cuja essência está pautada na realidade e na natureza do ser. Porém, a autora percebe que essa questão ainda abrange as dimensões econômicas e sociais, aos quais estamos vinculados, pois essas envolvem as forças neoliberais atreladas ao capitalismo e ao processo de globalização que abarcam as sociedades como um todo, quer seja em maior ou menor grau.

A partir do momento que entendemos o lugar como uma categoria central para a existência humana, se torna fundamental pensar o campo da Educação Ambiental como uma possibilidade para analisarmos o conjunto de circunstancialidades que estão relacionadas aos lugares que se tornam significativos e, nos fazem sentir a vontade para desenvolver nosso trabalho, sendo essa também, uma maneira de valorizar e dar visibilidade aos lugares.

Podemos dizer que as experiências na contemporaneidade são modificadas pelas transformações que emergem a partir da materialidade espacial. Sendo assim, devemos considerar o que acontece nos lugares em que estabelecemos nossas relações de pertencimento. Um exemplo é a cidade em que vivemos Rio Grande - RS, em que a vinda do Polo Naval à cidade modificou a rotina dos riograndinos de forma geral, pois a população tornou-se maior, sem haver uma infraestrutura adequada para dar conta desse aumento e com isso, foi necessário o enfrentamento de diversos desafios, como superlotação de estabelecimentos comerciais e dificuldade de atendimento em locais

públicos (hospitais, postos de saúde, entre outros), devido às transformações que ocorreram em função da materialidade espacial. Fora o choque cultural que foi evidente no comportamento, relação com a cidade e com as pessoas.

Assim, compreendemos que, no transcorrer da existência estabelecemos elos com os lugares que passam a ter significado, através da experiência que guardamos em nossas memórias e que nos levam a nostalgia no momento que compartilhamos com outras pessoas. Essas experiências se tornam significativas por abarcar elementos corporais, culturais e simbólicos que nos constituem. Por isso, consideramos significativo apresentar a fala de Chaveiro (2012), ao esclarecer que:

[...] o corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher a propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recurso de entranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo – e de descoberta. (CHAVEIRO, 2012, p. 250)

Por esse caminho, o autor percebe que não há possibilidade de conhecer o corpo e tão pouco a vida sem o espaço e os elementos que o constituem, como também, não é plausível haver espaço, lugar, paisagem ou quaisquer atributos que permitam a ação humana, sem que haja a experiência do corpo. Assim, esclarece que, para ser sujeito e enfrentar a si próprio e ao mundo, o indivíduo precisa ter consciência que através de suas ações ele intensifica o que realmente é, e ao partilhar essas ações suas forças são ampliadas para que haja uma emancipação, terminologia defendida por Freire (2000) a partir de uma intencionalidade política de compromisso com a transformação das condições sociais dos oprimidos, que engloba a resistência às políticas neoliberais e excludentes impostas pelo sistema capitalista. Assim, proferimos a fala de Lima (2004) ao conceito de emancipação, pois:

[...] em termos teóricos e conceituais podemos dizer que a educação ambiental emancipatória procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e social e de integração no sentido de complexidade. A idéia de mudança social reflete, em primeiro lugar, uma insatisfação ou inconformismo com o estado atual do mundo, com as relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, com as relações dos indivíduos consigo mesmos e com as relações que estabelecem com o seu meio ambiente. (LIMA, 2004, p. 94)

Dessa forma, a emancipação deve ser vista como uma ferramenta crucial para possibilitar tais confrontos. Para Chaveiro (2012), o sujeito contemporâneo deve estar engajado em um mundo no qual os lugares e suas marcas possibilitem olhá-lo como realmente é, para que seja possível senti-lo, pensá-lo e exercê-lo, expondo o corpo ao movimento, não apenas do tempo, mas também das ruas, bairros, esquinas, bares, instituições, as quais também se modificam ao longo do tempo.

Na perspectiva de Santos (1994), a globalização se dá no lugar “o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico”, e ainda:

As técnicas, de um lado, nos dão a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época. Ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, diferentemente caracterizados. Os sistemas técnicos criados recentemente se tornaram mundiais, mesmo que sua distribuição geográfica seja, como antes, irregular e o seu uso social seja, como antes, hierárquico. (SANTOS, 1994, p.19)

Esse viés, defende que com o tempo as informações passaram a ser produzidas e recebidas de outra forma, e que isso é fundamental para modificar os lugares, pois o sentimento de pertencimento a um determinado lugar faz com que as pessoas reflitam sobre o que acontece em seu íntimo, a partir de suas experiências, que se baseiam em valores que condicionam suas vidas.

Grün (2008) por sua vez, analisa a importância dos lugares para a Educação Ambiental fazendo menção aos cientistas modernos que percebem todos os lugares de forma igual, considerando-os como espaços homogêneos. Casey (1998) menciona o quanto seria significativo que a reapropriação social dos lugares fosse iniciada por meio da experiência, pois ao traçar nosso caminho no mundo fomos perdendo referências ao contar histórias, o que fez com que nossas narrativas deixassem de estar relacionadas aos lugares. No entanto, Ribeiro e Ávila (2013) entendem a narrativa como um processo extremamente importante na constituição dos sujeitos, e que por isso, devem estar pautadas em suas próprias histórias, pois:

[...] é a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos, ou seja, é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se

apresenta como algo complexo, porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outro momento de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes. Dessa forma, tanto as histórias como os sentidos que damos a elas, conforme vão sendo recontadas ao longo dos tempos, vão construindo nos sujeitos diferentes formas de ver e compreender suas próprias histórias. (RIBEIRO; ÁVILA, 2013, p.72)

A partir de tal entendimento, compreendemos que existe a possibilidade de olhar para o que é narrado pelos educadores(as) ambientais em contextos culturais, sociais e ambientais específicos, como uma forma de resgatar o enlace das narrativas desses sujeitos com seus lugares de pertencimento.

Para Sá (2005), a noção de pertencimento aos lugares que prevalecem nos discursos e práticas relacionadas à Educação Ambiental não estão conceituados de maneira formal, e acabam não sendo definidos com cautela, ainda mais por se tratarem de assuntos relacionados à ética e a sustentabilidade, as quais poderiam possibilitar a transformação de comportamentos, atitudes e valores, no intuito de constituir relações e pessoas que sejam capazes de difundir um novo paradigma. Por isso, não há a possibilidade de saber qual a real trajetória da Educação Ambiental, demonstrando, ser uma noção líquida, escorregadia e que acaba sendo utilizada de maneira superficial e ingênua, onde os ideais individualistas presentes na cultura industrial moderna constroem uma representação de seres humanos mecânicos, desenraizados e desligados de seus contextos, pois esses, ao ignorar as relações que o tornam humanos, acabam desconhecendo tudo o que não está direta ou indiretamente ligado aos seus próprios interesses e bem estar.

Para finalizar as discussões teóricas que foram sendo elencadas até o momento, a fim de abordar alguns questionamentos apresentados pelos autores a respeito das relações de pertencimento através dos lugares, ainda faremos referência a crítica que Bauman (2010) faz ao papel da educação na atualidade, pois em sua visão estamos inseridos em um mundo líquido-moderno, onde a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, pode representar uma ameaça, quer seja através de juramentos de fidelidade ou qualquer compromisso de longo prazo. O autor acredita ser necessário um rompimento com as relações atuais por haver uma fragmentação da vida humana em função da imprevisibilidade das coisas. Sendo assim, esse percebe a importância de se abandonar as metáforas relacionadas às raízes, ao desenraizamento e ao desencaixe da sociedade atual, para que seja possível estabelecer âncoras, pois essas, ao contrário das raízes (que estabelecem como temos que nos formatar em alguns lugares), as âncoras nos dão a possibilidade de ter esperança ao experiencarmos a vida nos mais variados lugares.

3. Enfoque das relações de pertencimento como caminho para problematizar a constituição de educadores(as) ambientais na sociedade atual

As abordagens dos autores citados demonstraram a relevância das teorias estudadas ao apresentar importantes aspectos que devem estar presentes no contexto escolar, se constituindo como caminho para que possamos problematizar a forma que os educadores(as) ambientais vêm se constituindo na sociedade atual. Assim sendo, passamos a analisar tais fatos e a mostrar o quanto eles estão ou deveriam estar relacionados ao contexto escolar.

Nesse sentido, mencionamos primeiramente a percepção de que os caminhos que escolhemos ao longo de nossa formação se constituem a partir dos signos e símbolos que estão intimamente relacionados à nossa subjetividade, por serem vivenciados e experienciados em tempos e espaços diferentes. Assim, articulamos a esse entendimento a fala de Brandão (2005) sobre a importância de compartilharmos nossas experiências, principalmente no contexto escolar:

Ao lado da sala de aulas e da turma de alunos, vivemos situações pedagógicas em diferentes unidades de partilha da vida. Em cada uma delas e da interação entre todas elas é que ao longo de nossas vidas nós nos vemos às voltas com trocas de significados, de saberes, de valores, de idéias e de técnicas disto e daquilo. (BRANDÃO, 2005, p. 87)

Portanto, se torna imprescindível que tenhamos o entendimento de que nossas experiências na contemporaneidade são modificadas em função das transformações que surgem a partir da materialidade espacial. Dessa forma, é preciso que sejamos sujeitos conscientes e engajados para que através de nossas ações haja um processo de emancipação, onde os lugares nos possibilitem olhar o mundo como ele realmente é, mesmo que tais lugares sofram modificações ao longo do tempo. Nesse viés, destaca-se a importância de estabelecermos elos com os lugares que passam a ter significado para nós, mediante elementos corporais, culturais e simbólicos que nos constituem como educadores(as) ambientais, principalmente no contexto escolar, pois segundo Pitanga (2016):

[...] é necessário reivindicar a efetivação de uma educação crítica e reflexiva que conduza a um processo transformador, caracterizado pela ressignificação de sentidos, comportamentos, valores e atitudes. É preciso assumir e incorporar aos nossos fazeres diários uma gama de responsabilidades que nos levem a uma nova postura, tendo como consequência a tomada de atitudes na construção de sociedades ecologicamente equilibradas, socialmente sustentáveis e justas pra muitos, o que, diante da situação atual, pode parecer utópico, porém é

algo que, frente à conjuntura hodierna, observamos fundamentalmente necessário. (PITANGA, 2016, p. 154)

No entanto, devemos estar cientes de que os lugares compreendem constantes mudanças em função da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas, e por esse motivo devemos sempre estar atentos ao conjunto de circunstancialidades que estão atreladas ao capital. Outra questão importante abordada pelos autores mencionados seria a reapropriação social dos lugares, como uma forma de mantê-los com sua autenticidade, pois esses se tornam importantes a partir de nossas experiências.

Após a exposição da importância de tais reflexões que foram sendo abordadas ao longo da escrita e com base nos autores mencionados, ainda é preciso dizer que há uma fragilidade nos discursos e práticas relacionadas à Educação Ambiental, pois esses não são conceituados de maneira formal, mas se tornam importantíssimos à medida que são discutidos, por tratarem de questões que estão diretamente relacionadas à ética e a sustentabilidade.

Sendo assim, pensamos ser significativo mencionar que muitos educadores buscam uma formação crítica, visto que, autores como Guimarães (2007), defende essa formação e, além disso, trabalha com a possibilidade de abordar alguns “eixos formativos”, tais como: sensibilização para uma autoformação contínua e variada; exercitação da emoção, como também, a construção do sentimento de pertencimento de forma coletiva; trabalhar a autoestima, estimulando a coragem da renúncia ao que já está estabelecido e que por essa razão nos dá segurança e a ousadia ao propor inovações. O autor sugere a exploração desses eixos formativos, para que seja possível romper com os paradigmas dominantes que fazem com que os educadores reproduzam os padrões impostos pela sociedade atual. Ainda de acordo com Guimarães (2007), o educador ambiental crítico:

[...] se volta para a transformação da sociedade, de seus paradigmas, valores e hábitos, além das atitudes, por perceber que novas atitudes, como as que se posicionam criticamente sobre os valores estabelecidos, interagem na formação de novos hábitos que refletem reciprocamente novos valores. (Guimarães, 2007, p. 140)

Assim, em defesa dos educadores (as) ambientais, Guimarães (2007), refere-se a esses como líderes, não só por exercerem sua cidadania, mas principalmente por estimularem que outros a exerçam, impulsionando o processo de transformação social. Nesse viés, o autor percebe que os educadores devem contextualizar a realidade, como forma de interferir sobre ela, já que, o modelo de sociedade moderna capitalista - com seus paradigmas e sua racionalidade - influencia o ambiente escolar, fazendo com que os

educadores reproduzam tais padrões em suas práticas, o que acaba fragilizando o trabalho com questões ambientais. Demonstrando assim, que esses educadores, em sua maioria, não conseguem romper com a concepção conservadora de educação. Desse modo, Guimarães (2007) conclui: “Daí a importância da práxis como reflexão e ação, teoria e prática se realizando reciprocamente na constituição de um novo paradigma em conjunto à construção de uma sociedade ambientalmente sustentável”.

Portanto, como educadores ambientais, é preciso que tenhamos cuidado com os ideais individualistas presentes no sistema econômico vigente, para que não nos tornemos seres humanos mecânicos, desenraizados e desligados dos contextos sociais nos quais estaremos presentes ao longo de nossa profissão e da vida.

É preciso que tenhamos a percepção da necessidade de rompimento com as relações atuais que se estabelecem em função do capitalismo, pois essas fazem com que a vida se torne fragmentada em decorrência da imprevisibilidade dos acontecimentos, onde tudo muda muito rápido. Contudo, nem sempre conseguimos saber quais as relações e os atributos que os sujeitos conferem aos seus lugares de pertencimento, pois segundo DIAS (2004):

[...] O trabalho do professor educador ambiental é amplo e complexo, exigindo uma visão sistêmica que alie os problemas ambientais às questões políticas, civilizatórias e sociais. No entanto, seria uma pretensão bastante ousada, senão utópica, pensar que a Educação Ambiental seja capaz de resolver todos os problemas do planeta e, maior pretensão ainda seria colocar nos ombros do professor essa responsabilidade [...]. (DIAS, 2012, p.69)

Nesse sentido, Bauman (2010) nos mostra a importância de agirmos como âncoras, para que possamos ter a perspectiva de nos articularmos e experienciarmos os mais variados lugares, percebendo assim, a possibilidade de desenraizamento e de desencaixe da sociedade atual, que cobra, cada vez mais dos sujeitos uma postura adequada aos interesses econômicos vigentes.

4. Conclusão

Finalizamos este texto pretendendo que a abordagem das relações de pertencimento tenha proporcionado a compreensão sobre os entrelaçamentos que se estabelecem entre os mais variados lugares a partir de nossas experiências, subjetividades e da materialidade espacial. Essas contribuem para a formação de educadores(as) ambientais conscientes de que é possível transformar suas práticas pedagógicas em função das relações que se

fortalecem a partir do momento que conhecemos a realidade dos lugares e sujeitos com quem compartilhamos nossos conhecimentos.

Embora, vivamos em um mundo que está amplamente conectado e atravessado por interesses econômicos, consideramos que a busca de novas formas de nos relacionar com os lugares que nos constituem, deve ser uma constante, para que possamos ter a esperança de modificar o entendimento dos sujeitos com relação à Educação Ambiental. Porém, isso deve se dar a partir do rompimento com as premissas da sociedade atual, que visa à obtenção de lucro e que faz com que os sujeitos se insiram nessa lógica em função do ter cada vez mais bens de consumo, para satisfazer as necessidades particulares, ao invés de haver um consenso da importância de se problematizar as questões ambientais que são de extrema urgência e que estão inseridas no âmbito coletivo e que podem contribuir significativamente para que os sujeitos tenham uma melhor qualidade de vida. O educador(a) ambiental se constitui pelo pertencimento ao seu campo de atuação profissional, sua área do conhecimento, pelo pertencimento ao lugar onde vive e pelo pertencimento ao campo da Educação Ambiental.

Referências:

ÁVILA, Dárcia Amaro; BARROS, Suzana da Conceição. Poluições: discutindo a degradação ambiental na sala de aula – Roteiro experimental – Poluição do solo, p. 168. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs). **Ensino de Ciências: outros olhares, outras possibilidades**. Rio Grande, FURG, 2014, p.208.

BAUMAN, Zigmunt. *Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos*. [A Cultura da Oferta](#). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 85-91.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; Orgs. MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Lívia de. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. **Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DIAS, Vânia de Moraes Teixeira. **Constituindo-se educador ambiental: um estudo das narrativas de professores que fazem educação ambiental na escola/ Vânia de Moraes Teixeira Dias-2012**, 121 f. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4791/V%C3%A2nia%20de%20Moraes%20Teixeira%20Dias.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GRÜN, Mauro. A importância dos lugares na Educação Ambiental. In: **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. especial, dezembro de 2008.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 174p.

LEME, Taciana Neto. Conhecimentos Práticos dos Professores e sua Formação Continuada: **Um Caminho para a Educação Ambiental na Escola**. In: GUIMARÃES, Mauro (org.); Caminhos da educação ambiental. Da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2 ed. 2007, p.105.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação, emancipação e sustentabilidade: **em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental**. In: LAYRARQUES, Philippe Pomier (coord.); Identidades da educação ambiental brasileira/Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004,156 p.

MARANDOLA JR, Eduardo; **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. **Lugar enquanto Circunstancialidade**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. **O Sentido de Lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PITANGA, Ângelo Francklin. **Crise da Modernidade, Educação Ambiental, Educação para o Desenvolvimento Sustentável e Educação em Química verde: (re) pensando paradigmas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v18n3/1983-2117-epec-18-03-00141.pdf>>. Acesso em: 17 ago.2018.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional**. 5.ed. São Paulo: Editora da USP, 2013.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 15-04-2019.